



O ser esclarecido em busca de sua autonomia

Liane Martins Bernardes¹ - Antonio Meneghetti Faculdade

Eixo temático: Protagonismo responsável a ser pessoa

Resumo: O presente artigo tem como propósito explicar sobre a importância da procura por uma vida autônoma. O Acad. Prof. Antonio Meneghetti, em seu livro “Jovens e a Realidade Cotidiana” (2017) e Immanuel Kant, em sua obra “Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? (Aufklärung)” (1783) buscam desvendar os problemas encontrados na sociedade, que nos aprisionam dentro de uma estagnável zona de conforto. Para buscarmos tal autonomia esclarecedora, devemos desviar dos perigos que serão abordados ao longo do trabalho e compenetrarmo-nos em buscar a nossa máxima excelência, pessoal e profissional, dentro de todas as atividades exercidas em nosso cotidiano.

Palavras-chave: Autonomia, esclarecimento, perigos, “*menoridade*”, estagnação, busca, crescimento.

INTRODUÇÃO

O trabalho foi desenvolvido com o escopo de dissertar sobre a indubitável vitória pessoal e profissional, fruto do esforço e vontade de crescimento do ser humano. Ao fazer uma análise da sociedade, observa-se que as maiores criações humanas foram projetadas por mentes inovadoras e incansáveis, programadas para alcançar alguma finalidade.

Com esse propósito e, utilizando dos conhecimentos do Acad. Prof. Antonio Meneghetti, juntamente com os do grande filósofo Immanuel Kant para o embasamento teórico do artigo, pode-se fazer referência aos significados das palavras “protagonismo” e “responsável”, onde ambas caminham juntas, personificando o ser humano que busca sua autonomia de forma íntegra.

Dentro de uma peça de teatro, o protagonista principal da cena é aquele que constrói a trama, tendo plena responsabilidade sobre todo o roteiro e qual a direção que o mesmo irá tomar. Ao encontro disso, nós, seres humanos, também devemos construir o nosso caminho, baseando-nos em regras próprias e sendo responsáveis por todos os acontecimentos vividos.

DESENVOLVIMENTO

Biologicamente falando, quando ainda estamos dentro da barriga de nossa genitora, somos totalmente dependentes desse ser, sendo ligados através de um cordão umbilical que passa todos os nutrientes que precisamos para sobreviver. Ao nascermos, esse vínculo é cortado, mas, ainda continuamos com a mesma dependência, sugando informações e amparos essenciais para continuarmos vivos. Com o passar dos anos, agora agindo de forma consciente, continuamos no mesmo cenário assistencial², vivendo sob regras impostas, destinos idealizados através de

¹ Acadêmica do quarto semestre do Bacharelado em Direito da Antonio Meneghetti Faculdade. E-mail: lianembarnardes@gmail.com.

² Sobre assistencialismo: “Significa *substituir a responsabilidade e o conhecimento do necessitado*: Ihe é dado de tal forma tudo no aspecto material que, ao final, se mata nele o instinto de autoprodução, de autodefesa, de automanutenção.” (MENEGETTI, p. 41)

sonhos familiares, dinheiro emprestado e, por consequência disso, ficamos subordinados à aceitar aquilo que nos é imposto. Ou seja, doamos a nossa liberdade para alguém, aceitamos suas regras para em troca, ganharmos “cuidado”.

O contexto apresentado, muito comum na vida de grande parte da população, é apontado por Immanuel Kant, em sua obra “Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?” (Aufklärung)” (1783) através da expressão “*menoridade*”, a qual referencia à zona de conforto vivida pelo ser humano estagnado, à mercê da preguiça e do comodismo. Tal estagnação, conforme já citado, nos é rotineira desde o nosso primeiro dia de vida e, se consecutiva, afasta o ser humano do seu próprio esclarecimento:

É difícil portanto para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. (KANT, p. 64)

No entanto, partindo do pressuposto que não viemos no mundo para sermos somente mais um em quantidade, mas sim um ser diferenciado, dotado de inteligência e originalidade, e tendo em vista que somos os próprios culpados por essa “*menoridade*”, devemos procurar sair desse casulo e arriscarmos à busca pela independência, administrando e seguindo as nossas próprias regras. Para Kant, só conseguimos sair desse cenário de “*menoridade*” quando nos tornamos um ser “esclarecido”, liberto das limitações impostas, fazendo o uso da nossa capacidade mental sem outro indivíduo³ estar direcionando-nos.

Ainda na mesma linha de raciocínio, o Acad. Prof. Antonio Meneghetti em sua obra “Jovens e a Realidade Cotidiana” (2017) nomeia o ser humano que possui liberdade moral e intelectual para reger sua vida como um ser autônomo, não precisando estar submetido a situações que o condicionem. Para chegarmos a tal estado evoluído, devemos buscar vários tipos de autonomia, sendo elas: **psicológica, legal, social e econômica**.

Em uma crescente, é de suma importância analisar quem realmente somos e se gostamos de quem somos. Os ajustes sempre serão necessários, além do mais, são eles que evitarão de termos que pagar o preço caro de consequências futuras por atos inconsequentes cometidos no passado. Meneghetti (2017, p. 12) comenta sobre esses perigos⁴ cometidos ainda na juventude: “naquele período, o sujeito realiza algumas escolhas – se casa, faz sexo, depois nasce um filho etc. – e, quando a “cegueira” passou, ele “escreveu”, existem as consequências que a sociedade não perdoa.”

Essa autonomia além de ser fruto da análise e responsabilidade acerca dos próprios atos, é praticada com a independência das ideologias sociais, grande fomentadora da zona de conforto que nos deixa distante de sermos seres esclarecidos. Podemos utilizar como exemplo os fiéis

³ Kant exemplifica citando sobre o apoio que temos em livros, métodos, etc. já criados. Por eles darem respostas prontas, ou seja, que não nos fazem pensar, ir atrás de uma nova técnica, uma nova forma de pensar, as usamos como forma de adiar o nosso esforço.

⁴ No terceiro capítulo “Perigos da Juventude e Estereótipos Brasileiros” da obra “Jovens e a Realidade Cotidiana” (2017), o autor refere-se ao *assistencialismo*, *consumismo* e *informacionismo*, destacando-os como impulsos obsessivos, que afastam o jovem do seu êxito pessoal.

que são condicionados, – mesmo que tenham afazeres da escola, faculdade, trabalho – a irem diariamente às sessões religiosas, caso contrário, lhes é pregado que serão pecadores e não terão o seu lugar no céu ou no lugar que creem ter paz eterna. Esses ideais, principalmente os religiosos, tornam os seus credores reféns do medo e do constrangimento se não estiverem seguindo os mandamentos pregados pela religião, crença, etc. Ou seja, não deve haver “fixidez de informação” (MENEGETTI, p. 13), e não devemos apoiarmo-nos em um partido, uma instituição, uma doutrina, algo pronto para podermos crescer. Analogicamente falando, se seguirmos tais pontos, não seremos nunca únicos e com brilho próprio, mas sim “uma pedra que está no alto até que as outras a sustentem” (MENEGETTI, p. 17).

Andando mais uns passos e fazendo referência a autonomia legal, partimos para a necessidade de estarmos em consonância com as normas que regem o Estado em que vivemos. Não podemos nos autogovernar sem seguirmos as regras do local onde estamos inseridos. Além disso, dentro dessa mesma independência, há as oportunidades de trabalho que estão inseridas nessas legislações e que, ao trapacearmos, perdemos grandes chances. Meneghetti (p. 14) cita:

[...]alguns jovens de 32 a 34 anos que não podem realizar um grande *business* internacional porque não tem o visto do Estado onde gostariam de operar. Isso aconteceu por alguns erros cometidos na idade de 18 a 20 anos. Por exemplo, eles foram descobertos na posse de uma remessa de droga e, conseqüentemente, sofrem condicionamentos que hoje não consentem que eles se movam para países onde há oportunidade.

No mesmo raciocínio, Kant (1783) fala sobre casos que não cabe á nós utilizamos o livre arbítrio e desobedecermos alguma ordem, ou seja, certas vezes não temos autonomia o suficiente para irmos de encontro a uma regra:

O cidadão não pode se recusar a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral).

Em consequência de tais crescimentos, tendo em vista da maturidade obtida na busca em sair da “zona de conforto”, chegamos a tão esperada autonomia econômica. O ponto é esse. Aqui não precisamos mais estar submetidos a regras externas, “uma vez que o avô ou a mãe etc. darão sempre o dinheiro, porque em troca pretendem decidir como deverá ser investido aquele dinheiro” (MENEGETTI, p. 16). Pagamos pela nossa própria liberdade e não temos mais a necessidade de nos adaptarmos as vontades de ninguém, se não as nossas próprias.

Uma pessoa com autonomia econômica tem, além de liberdade (se tiver também as outras autonomias), condições favoráveis para escolher uma profissão, como e onde planejar o seu próprio futuro, o que fazer em seu tempo de lazer e em que qualificar-se.

Dentro dessa crescente, composta pela busca de um ser autônomo e íntegro, há diversos pontos a serem cuidados. Os perigos que o jovem passa dentro de sua trajetória podem fazê-lo desviar tanto o seu rumo a ponto de perder tudo aquilo que já foi construído com muita batalha. Às vezes, se um deslize ataca o escopo de todo o seu projeto de vida, não há um concerto, uma solução, pois a sua essência já foi ferida.

O capítulo “estereótipos brasileiros”, também presente na obra “Jovens e a Realidade Cotidiana” (2017), cita uma série de hábitos gerais que insurgem no comportamento da maioria dos homens de uma nação. Em uma breve síntese dos estereótipos citados, que afeta e desvirtua tantas pessoas, é de suma importância citar: as drogas e a preguiça.

As drogas claramente podem ser taxadas como o principal malefício da sociedade. Nos fazem sair da realidade, fazendo com que acreditemos não ter obrigações e a ilusão de não termos problemas. A periculosidade é dada quando não nos damos por conta que esse breve efeito não muda a nossa realidade externa e nem a realidade fisiológica. São apenas minutos ou horas de percepções diminuídas e um efeito *relax*. As doses, que inicialmente parecem ser pequenas e inofensivas tornam-se progressivamente maiores, tomando conta, através da dependência, do nosso bem mais precioso: a mente. Esse caminho “é um atalho, no qual se fica mais infantil, inferiorizado e, ao final, incapaz de construir uma realidade.” (MENEGETTI, p. 53)

Respectivamente, a preguiça indubitavelmente nos torna marionetes dos estereótipos, fazendo com que o homem através de sua aversão pelo trabalho, acredite em tudo o que lhe é transmitido. Esse mal torna o sujeito alguém medíocre, por condicioná-lo a viver limitado, estagnado e para sempre em sua “*menoridade*”. Meneghetti, ao falar sobre a autossabotagem inconsciente, em sua obra Psicologia Empresarial (p. 401), cita a preguiça como uma de suas consequências:

[...] uma forma de resistência que contrapõe o sujeito à vantagem: onde quer que exista possibilidade de vantagem e crescimento, o removido faz resistência e pulsão oposta, conseqüentemente, o indivíduo permanece preguiçoso, fechado ou desviado inclusive onde existe vantagem.

Meneghetti deixa uma passagem sobre a importância de nos dedicarmos ao conhecimento quando ainda somos jovens, pois, nessa fase, ainda temos total vitaliciedade e facilidade para a compreensão de diversos assuntos dos mais variados ramos da sabedoria humana. Se não procuramos evolução em tempos de crescimento, envelhecemos e somos programados a pensar e agir sempre no mesmo modo, justamente por causa dos estereótipos que nos acompanharam durante a vida inteira. É indubitável que um ser que fomentou a preguiça durante a sua jornada não tenha disposição para ir atrás de sua construção, pois é acostumado com o ócio, com o comodismo.

Tais estereótipos são fomentados pela “*psicologia do vazio*” (MENEGETTI, p. 108), causada por não sabermos utilizar o tempo que temos livre. Reclamamos da rotina pesada, contamos os dias para a chegada das férias e, quando finalmente nos vemos livres das obrigações, reclamamos de tédio, projetando-nos para sentimentos angustiantes e momentos depressivos, lamentando sobre problemas causados e alimentados pela falta do que fazer. Meneghetti (p. 107) indica diversas opções produtivas para evitarmos o ócio ou até mesmo ceder á tentações⁵ que nos desvirtuem do nosso caminho:

⁵ Refere-se aos estereótipos citados com base na página 48 da obra “Jovens e a Realidade Cotidiana”.

Ao invés disso, é importante melhorar alguma coisa do próprio *habitat* e fazer naquele dia aquilo que se faria amanhã. Se, depois de tudo isso, sobra ainda tempo, então se pode iniciar uma outra estrada, aprender uma oportunidade a mais: ler um livro, estudar uma língua, aprender a tocar, a cantar, a vestir-se, estudar para um novo diploma, especializar-se em um setor etc.

A preguiça é um processo cíclico. Quanto mais a alimentamos, mais indisposição teremos. Funciona da mesma forma que o sono: os médicos indicam que um adulto necessita de 6 horas completas de sono, mas, se o mesmo continua deitado em sua cama por não ter compromisso, acabará podendo conseguir dormir até o final do dia, pois alimentou o seu sono.

No entanto, nossa disposição também pode ser um processo cíclico. Se sabemos das horas de descanso necessárias por dia, podemos adaptar o nosso corpo a despertar quando já descansado e assim, procurar uma atividade que acrescente para o nosso ser. Conseguimos encaixar todas as nossas vontades junto com as nossas obrigações dentro de nossa rotina. Desde o tempo que gastamos nos locomovendo sentados dentro de um transporte, até mesmo os minutos de intervalo do almoço. Todo o tempo é válido e pode nos acrescentar algo.

Ademais, como estamos falando de maneiras para aproveitar essas horas vagas, ou seja, horas que são extras, estamos falando de atividades que além de nos acrescentarem, são prazerosas. Fazemos por livre escolha, livre procura, podendo ser entendido como um *hobby*, um momento de felicidade plena ou que pode nos dar felicidade futura.

Por exemplo, o estudo de uma língua estrangeira, que hoje em dia é imprescindível para a vida de qualquer jovem que aposta em uma carreira de sucesso. O jovem com 25 anos, recém formado e sentindo necessidade de saber falar um idioma diferente do seu, terá pouco tempo para conseguir aprender com êxito, podendo até mesmo perder uma oportunidade de emprego⁶, caso seja uma proposta não esperada de mudar-se para outro país em poucos dias. Esse jovem não soube aproveitar quando ainda podia estudar com facilidade. Utilizou dos seus finais de semana para seu descanso necessário, excedendo-o por horas de preguiça, desviando-se de conseguir alcançar sua capacidade mestra, bem como cita Meneghetti (p. 111)

Os melhores jovens devem continuar em frente. Deve-se chegar em uma capacidade mestra no ensinamento, nos residences, nos cursos, ao invés de perder o seu próprio tempo livre sem fazer investimento liderístico. Precisam ser criativos, propositivos, sem medo.

Além disso, não basta que procuremos alguma informação, alguma utilidade se não vamos á fundo nela. O pensamento deve ser: não basta sermos rasos, superficiais. Se estamos envolvendo nosso tempo, que ele seja gasto com empenho, dedicação. Não é válido para o nosso ser que estudemos apenas para uma prova, sem que realmente absorvamos aquele conhecimento, porque quando sairmos da avaliação vamos ter esquecido, em poucos minutos, tudo aquilo que ficamos horas estudando. Ou seja, foi um tempo gasto. Foi útil para termos conseguido ganhar

⁶A perda da oportunidade de emprego também tratada em “autonomia legal”.

uma boa nota⁷, mas, quando realmente precisarmos aplicar aquele conhecimento, teremos que estudar tudo novamente.

RESULTADOS

Não há indícios de resultados negativos de uma pessoa que se esforçou para ser um ser *distinto*, como Meneghetti (p. 133) classifica em sua obra *Psicologia Empresarial* (2012) àquele que é superior. Como expresso no vídeo “A essência da Ontopsicologia”, através dos estudos do Acad. Prof. Antonio Meneghetti (2012): “cada ser humano possui uma informação base que corresponde à biologia ou lógica da vida: se executada, leva o homem à sua realização, em qualquer momento e em qualquer situação.”

Ou seja, se correspondermos às informações dadas pelo nosso projeto de vida, teremos como resposta a evolução infinita do nosso ser. Contudo, para tal conquista é preciso que estejamos em uma condição não condicionada por outrem, de forma com que saibamos utilizar os entendimentos já existentes no mundo, mas sem limitarmo-nos à somente àquele que já está pronto.

Se *distintos* formos, teremos relação com a excelência dos três pontos⁸ citados no capítulo “saber amar o próprio jogo”, presente no livro *Psicologia Empresarial* (2012). Aqui também podemos falar de ciclos: só conseguimos a satisfação se tivermos todos os pontos. Só conseguimos a autonomia, se procuramos ser esclarecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se então que dentro de uma sociedade diversificada, há muitas formas de padronizar o ser humano, tornando-o marionete dos estereótipos e, com isso, desviá-lo do seu projeto de vida.

Dado o exposto e sempre seguindo o nosso propósito de sermos *distinto*, bem como explica Meneghetti (p. 133), devemos saber ocupar todas as ferramentas que nos são ofertadas para o nosso conhecimento pessoal. O resultado do bom uso de nosso intelecto serão as autonomias: psicológica, legal, social e econômica.

Dentro dos processos cíclicos abordados, temos duas escolhas: podemos exercitar o nosso cérebro a fomentar o ócio, postergando minutos á mais do que o necessário para o descanso em nossa cama, ou, podemos escolher ocupar de todo o nosso tempo para a obtenção de conhecimento, hobbies prazerosos e geradores de felicidade futura e instantânea. Afinal,

⁷ Uma boa nota pode ser conseguida até mesmo através de sabotar ou roubar um conhecimento do colega ao lado. Ela não mede se você é um bom aluno ou não. Mas, se você souber que realmente estudou e batalhou para ter conseguido a sabedoria que lhe fez ir bem na avaliação, você vai ser compensado pelo seu próprio psicológico.

⁸ Os três pontos seriam: produção distinta, capacidade de relação e amar o próprio “brinquedo”. Ou seja, devemos dominar todo o meio que escolhemos estar inserido. Desde a produção (aqui tratando-se de um produto), quem é o comprador/interessado nele e todos os processos, etapas que ele passa para ficar pronto.

os perigosos estereótipos sempre estarão presentes na sociedade, pois sempre haverá mentes vazias que os fomentarão.

É necessário tolher os hábitos que a sociedade construiu, mantendo constante a dupla moral: respeitar todas as regras e os estereótipos sociais com racionalidade, mas dentro de si viver a única, exclusiva estrada do ser. Cada um deve encontrar o modo de conjugar essas duas formas com um compromisso histórico funcional. (MENEGHETTI, p. 171)

Se todos seguíssemos, de forma individual e íntegra, pela procura desse esclarecimento, saindo de nossa “*menoridade*”, a resposta negativa que Immanuel Kant deu para a pergunta: “Vivemos em época de esclarecimento?” poderá ter um novo resultado, agora de forma positiva, baseando-se em uma análise crítica de uma nova sociedade evoluída, repleta de seres autônomos.

É claro, esse escopo não cabe a todos, mas sim, para aqueles que almejam ser grandes, porque “[...] tudo isso não é uma missão: é uma realização. Não é uma necessidade: é uma escolha” (MENEGHETTI, p. 176)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia Empresarial**. Recanto Maestro: FOIL, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e a Realidade Cotidiana**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

ONTOPSICOLOGIA ABO. **A Essência da Ontopsicologia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3zlYLVJGe>>. Acesso em: 08 jul. 2018.